



IPPUR
Instituto de Pesquisa
e Planejamento Urbano e Regional



DISCIPLINA COLABORATIVA E INSTITUCIONAL

(Programas de Pós-Graduação que integram o INCT Observatório das Metrópoles)

TEMA: AS METRÓPOLES E O CAPITALISMO FINANCEIRIZADO

TÍTULO FORMAL: Tópicos especiais em Planejamento Urbano e Regional (nome institucional no IPPUR/UFRJ)

COORDENAÇÃO: Luiz Cesar de Queiroz Ribeiro (IPPUR), Nelson Diniz, Igor Pouchain Matela, Tarcyla Fidalgo Ribeiro e Isis Camarinha (Integrantes do Grupo MetrÓpole, Estado e Capital e pesquisadores vinculados ao INCT Observatório das Metrópoles).

1. RESUMO: Nexos Financeirização/Urbanização: construindo um marco teórico.

A presente proposta reúne os resultados do trabalho coletivo de pesquisa e reflexão realizado pelos integrantes do **Grupo de Pesquisa MetrÓpole, Estado e Capital**, criado em 2015, no âmbito do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia **Observatório das Metrópoles**. Na origem, a principal justificativa para a criação deste grupo deveu-se ao interesse dos seus integrantes em estabelecer um diálogo teórico e analítico entre a matriz teórica braudeliana-arrighiana¹ e o pensamento crítico presente no campo dos estudos urbanos e regionais. Ao fazê-lo, buscávamos alternativas de interpretação sobre as conexões entre as transformações do capitalismo, em curso desde os anos 1970, e os processos de reestruturação urbana-regional em suas variadas dimensões, como a econômica, social, política e cultural.

As aulas resultam da produção dos seus integrantes e de autores e autoras com quem mantivemos interações intelectuais, diretas ou indiretas, compartilhando indagações, análises e inquietações teóricas.

A unidade da proposta é dada pelos marcos teóricos, analíticos e empíricos construídos pelo grupo a partir da leitura e discussão sistemáticas de vasta bibliografia, nacional e internacional, em torno da dimensão financeira da atual lógica rentista do capitalismo. Bibliografia que considera, ainda, as possíveis expressões dessa lógica na dinâmica da produção do espaço urbano. Portanto, os textos aqui reunidos dialogam com as várias correntes do

¹ Por matriz teórica braudeliana-arrighiana entendemos as correntes constituídas em torno do conceito de capitalismo histórico, inspiradas pelas obras de Fernand Braudel e cujos mais renomados expoentes são Giovanni Arrighi, Immanuel Wallerstein, Samir Amin, Janet Abu-Lughod, André Gunder Frank, entre outros. No Brasil e na América Latina, são conhecidos representantes dessa matriz teórica Theotônio dos Santos, Carlos Eduardo Martins, Marcelo Arend, entre outros. Mais adiante explicitamos a maneira pela qual manejamos essa matriz teórica em nossa investigação.



IPPUR
Instituto de Pesquisa
e Planejamento Urbano e Regional



pensamento crítico organizado em torno da hipótese da financeirização do capitalismo pós-1970. Segundo a literatura sobre o tema, a financeirização não se resume à esfera da economia, mas atinge em múltiplas escalas os domínios da vida social, política e mesmo cotidiana. É isso que sugere, por exemplo, o argumento de Aalbers (2015), cuja obra tem grande influência nesse debate e no campo dos estudos urbanos, ou de Braga (1997), para quem a financeirização representa o padrão sistêmico de riqueza do capitalismo contemporâneo².

A literatura sobre financeirização se multiplicou e se diversificou em suas abordagens após a crise de 2007-2009, passando a ter enorme influência em diversas disciplinas das ciências sociais e promovendo incontestáveis avanços na investigação dos atributos do capitalismo contemporâneo. Até então era um tema pouco presente na agenda de pesquisa do campo dos estudos urbanos, tanto no Brasil quanto nos demais países da América Latina. É pioneira a pesquisa de Fix (2007) sobre os fundamentos financeiros da conversão de São Paulo em uma cidade global, mas até então a financeirização urbana, propriamente dita, era uma questão marginal e pouco teorizada. Por outro lado, as principais investigações sobre a reestruturação das cidades latino-americanas e sua correspondência com as características do capitalismo contemporâneo pautavam-se, muito mais, pelos processos de globalização e neoliberalização. O que não significa que a problemática da dominância financeira estivesse completamente ausente, uma vez que temas e termos tais como globalização financeira já eram objeto de atenção.

Como observa Lapavitsas (2013), o fenômeno sublinhado pelo conceito de financeirização remete a alguns dos atributos mais importantes da globalização, a exemplo do alcance global dos mercados de capitais, dos fluxos de empréstimos e da esfera de atuação das instituições financeiras. Ao mesmo tempo, as reflexões sobre o neoliberalismo dificilmente escapam da alusão à proeminência dos capitais de aplicação financeira, como é o caso da abordagem de Duménil e Lévy (2014) ou de Harvey (2008b).

Enfim, como sugerem autores como Epstein (2005) e Foster (2007), globalização, neoliberalização e financeirização formam uma tríade de conceitos/processos inter-relacionados que indicam os traços gerais da atual fase de desenvolvimento do capitalismo. Mas, como

² Aalbers (2015) define a financeirização do seguinte modo: “Dominância crescente de atores, mercados, práticas, medidas e narrativas financeiras, em múltiplas escalas, resultando na transformação estrutural das economias, das corporações (incluindo instituições financeiras), dos Estados e das famílias” (p. 214, tradução nossa). Braga (1997), por sua vez, considera a financeirização como o padrão sistêmico de riqueza do capitalismo contemporâneo porque “ela não decorre apenas da práxis de segmentos ou setores – o capital bancário, os rentistas tradicionais –, mas, ao contrário, tem marcado as estratégias de todos os agentes privados relevantes, condicionando a operação das finanças e dispêndios públicos, modificando a dinâmica macroeconômica” (p. 196). Enfim, para o autor, a financeirização é intrínseca à configuração contemporânea do capitalismo, manifestando-se “nas finanças das famílias (até porque seus rendimentos provenientes do trabalho vêm sofrendo limitações), nas finanças empresariais, na rentabilidade dos financistas e nas finanças do Estado” (p. 227).



IPPUR
Instituto de Pesquisa
e Planejamento Urbano e Regional



defendido por Christophers (2015), podemos constatar na literatura sobre as transformações do capitalismo produzida nos anos 1990, 2000 e 2010 a sucessão da predominância de cada um desses conceitos.

Nossas pesquisas têm sido pautadas por outras questões básicas, referidas, por exemplo, às narrativas e ideologias legitimadoras da financeirização, aos modos como ela se realiza na periferia do sistema-mundo e às relações entre mercantilização e financeirização. Todas elas mediadas, repita-se, pela ênfase nas dimensões da produção social do espaço, do uso e da apropriação dos territórios.

Assim, essas abordagens nos aproximaram não só do debate sobre a centralidade das finanças para o desenvolvimento do capitalismo, sugerindo uma mudança de ênfase, da globalização para a financeirização, mas também nos colocaram no caminho do que Fiori (2014) define como “uma teoria do poder e da acumulação do poder e de suas relações com o capital e a acumulação de capital” (p. 16). Definição que se apoia em uma constatação central de Braudel (1987), segundo a qual o “capitalismo só triunfa quando se identifica com o Estado, quando ele é o Estado” (p. 25).

A organização desta proposta parte de uma visão mais ampla e teórica sobre o fenômeno da financeirização, passando por um olhar sobre as peculiaridades latino-americanas e brasileiras até chegar à apresentação de alguns estudos de caso, sempre buscando uma relação com sua configuração espacial.

Para tanto, estrutura-se em 16 aulas, organizadas em conformidade com o sentido da exposição acima definido: de aspectos teóricos e mais gerais do fenômeno até estudos de caso buscando suas especificidades e territorialidades. Abaixo, uma breve apresentação de cada uma delas a fim de avaliar o percurso anunciado, do teórico e mais geral às especificidades e territorialidades do fenômeno da financeirização.



IPPUR
Instituto de Pesquisa
e Planejamento Urbano e Regional



2. ESTRUTURA DA DISCIPLINA

SEGUNDO BIMESTRE **TERÇAS-FEIRAS, das 11h as 13h**

Parte I – Financeirização, Capitalismo e Dependência

Aula 1 – Apresentação do Programa

Data: 29/09/2020

Responsável: *Coordenadores*

Aula 2 - O sistema-mundo capitalista e os novos alinhamentos geopolíticos no século XXI: uma visão prospectiva.

Data: 06/10/2020

Responsável: *Carlos Eduardo Martins*

Ementa: A segunda aula, analisa as principais características da conjuntura mundial contemporânea a partir de tendências cíclicas e seculares e dos novos alinhamentos geopolíticos que apontam para uma bifurcação do poder no sistema mundial.

Aula 3 - Tempospaços do Sistema Mundo Capitalista e a natureza do declínio da Hegemonia Americana: a longa duração na análise da conjuntura.

Data: 13/10/2020

Responsável: *Isis Camarinha*

Ementa: A terceira aula contribui com uma leitura de longa duração do desenvolvimento histórico do sistema mundo capitalista a partir do conceito de tempospaço lançado originalmente por Immanuel Wallerstein. Adicionalmente, tendo como ferramenta analítica esta perspectiva conceitual, busca analisar a natureza do declínio da hegemonia americana enquanto fenômeno da conjuntura que expressa uma das faces da crise sistêmica em marcha.



IPPUR
Instituto de Pesquisa
e Planejamento Urbano e Regional



Aula 4 - Financierización en América Latina: implicancias de la integración financiera subordinada.

Data: 20/10/2020

Responsável: *Juan Pablo Painceira*

Ementa: A quarta aula mostra a composição do cenário específico da dominância financeira na América Latina, considerando suas peculiaridades geopolíticas e econômicas. Os autores apontam que a financeirização subordinada estabelece uma nova forma de vulnerabilidade externa dos países latino-americanos e que esse processo tem consequências diretas no comportamento dos principais agentes econômicos nesses países, como os bancos, as empresas e as famílias.

Parte II – Financeirização, Capitalismo e Território.

Aula 5 - Financeirização e mercantilização à luz dos ciclos sistêmicos de acumulação e de urbanização.

Data: 27/10/2020

Responsáveis: *Luiz Cesar de Queiroz Ribeiro e Nelson Diniz*

Ementa: Nesta aula os responsáveis apresentam uma proposta de leitura do fenômeno financeiro a partir da abordagem arrighiana dos ciclos sistêmicos de acumulação e suas relações com as transformações históricas do espaço urbano.

Aula 6 - Circuitos de extração: valor em processo e o nexa mineração/cidade.

Data: 03/11/2020

Responsável: *Martín Arboleda*

Ementa: Nesta aula, inclui-se a reflexão teórica na qual propõe um quadro teórico para a compreensão das cadeias transnacionais de valor que articulam as atividades extrativas, de suprimento e de produção social do espaço construído urbano e não urbano, a partir do



IPPUR
Instituto de Pesquisa
e Planejamento Urbano e Regional



qual é possível entender as formas pelas quais as indústrias extrativas estão refazendo paisagens urbanas, financeiras e logísticas à sua própria imagem.

Aula 7 - Máquinas de crescimento urbano – mas em que escala?

Data: 10/11/2020

Responsável: *Neil Brenner*

Ementa: Nesta aula, apresenta-se uma reflexão sobre as dimensões multiescalares do fenômeno urbano ao fazer uma releitura crítica, metodologicamente não localista, da teoria da máquina de crescimento urbano.

Aula 8 - Metrôpole, moeda e mercados. A agenda urbana em tempos de reemergência das finanças globais.

Data: 17/11/2020

Responsável: *Jeroen Klink*

Ementa: Nesta aula trataremos das articulações entre a dimensão financeira e as metrôpoles no capitalismo contemporâneo, sugerindo uma agenda de pesquisa articulada em três eixos: (i) Estado, fundo público e financiamento em tempo de austeridade metropolitana; (ii) neoliberalização e reestruturação da governança metropolitana e (iii) planejamento urbano-metropolitano: de planos a modelos.

Aula 9 - A metrôpole para além da nação: globalização e crise urbana.

Data: 24/11/2020

Responsável: *Maurilio Lima Botelh*

Ementa: Nesta aula, discutiremos o papel das grandes cidades e metrôpoles na economia mundial. O autor defende que a emergência de cidades-globais implode as economias



IPPUR
Instituto de Pesquisa
e Planejamento Urbano e Regional



tradicionais ao reorganizar as articulações escalares. Portanto, sugere que as questões metropolitanas atuais deveriam ser analisadas como parte de uma crise econômica global.

TERCEIRO BIMESTRE

TERÇAS-FEIRAS, às 11h

Aula 10 - Urbanización del capital y difusión de ideologías urbanas en América

Latina: la ciudad como máquina de crecimiento económico.

Data: 01/12/2020

Responsáveis: *Luiz Cesar de Queiroz Ribeiro e Marcelo Rodríguez Mancilla*

Ementa: Busca-se analisar criticamente as conexões entre a urbanização do capital, a difusão do atual ciclo de ideologias urbanas e sua tradução na definição de políticas urbanas que dinamizam os processos de neoliberalização. Com isso, o capítulo sustenta que as ideologias urbanas atuais estão orientadas no sentido de favorecer os processos de acumulação financeirizados e de mercantilização das cidades.

Parte III – Os Ajustes Regulatórios da Ordem Urbana Brasileira.

**Aula 11 - Inflexão ultraliberal e a financeirização da ordem urbana brasileira:
explorando algumas hipóteses.**

Data: 08/12/2020

Responsável: *Luiz Cesar de Queiroz Ribeiro*

Ementa: Nesta aula, pretende-se refletir sobre os possíveis impactos da inflexão ultraliberal sobre as metrópoles brasileiras no sentido da aceleração de sua inserção no atual ciclo de dominância financeira do capitalismo.

Aula 12 - Capitalismo sob dominância financeira e a terra urbana – uma análise do caso brasileiro a partir da regulação fundiária.



IPPUR
Instituto de Pesquisa
e Planejamento Urbano e Regional



Data: 15/12/2020

Responsável: *Tarcyla Fidalgo Ribeiro*

Ementa: Nesta aula, busca-se refletir sobre o papel da regulação na capilarização da dominância financeira no espaço urbano a partir do estudo de caso da mais recente lei sobre a regularização fundiária aprovada em nível federal.

Aula 13 - A financeirização do Estado por meio da securitização de ativos no Brasil.

Data: 22/12/2020

Responsáveis: *Igor Pouchain Matela e Nelson Diniz*

Ementa: Propõem-se discutir como as práticas e racionalidades financeiras também se fazem presentes no nível da gestão dos aparelhos estatais. Os autores trazem exemplos brasileiros de securitização de ativos públicos para fazer uma reflexão sobre as relações intrínsecas entre os processos de financeirização e de acumulação por despossessão.

Parte IV – Estudos de Caso.

Aula 14 - Grupos econômicos e acumulação urbana na cidade do Rio de Janeiro:

Odebrecht e Carvalho Hosken.

Data: 12/01/2021

Responsáveis: *Lucas Faulhaber e Hipolita Siqueira*

Ementa: Aqui abordaremos os principais elementos para a análise dos grupos econômicos e sua contribuição para os estudos sobre acumulação urbana. Então, são examinadas as trajetórias históricas e as estratégias de acumulação dos grupos Odebrecht e Carvalho Hosken na cidade do Rio de Janeiro.

Aula 15 - Arranjos Multiescalares da atividade imobiliária e a (re)produção da metrópole.



IPPUR
Instituto de Pesquisa
e Planejamento Urbano e Regional



Data: 19/01/2021

Responsável: *Alexandre Yassu*

Ementa: Pretende-se tratar das transformações imobiliárias, residenciais e logísticas em Cajamar, Região Metropolitana de São Paulo. O artigo revela as relações entre os agentes financeiros globais, o poder público e os agentes locais numa análise dos arranjos multiescalares na produção do meio ambiente construído.

**Aula 16 - Parceria público-privada para construção de moradia popular:
fundamentos institucionais para a expansão do mercado de habitação em São Paulo.**

Data: 26/01/2021

Responsáveis: *Alvaro Luis dos Santos Pereira e Gabriel Maldonado Palladini*

Ementa: Na última aula discutiremos o estudo de caso sobre a capilarização da financeirização no mercado de habitação em São Paulo, apresentando o projeto de parceria público-privada de produção de moradia popular levado a cabo pela Agência Casa Paulista, do governo estadual e suas configurações institucionais alinhadas aos paradigmas da neoliberalização e financeirização.



IPPUR
Instituto de Pesquisa
e Planejamento Urbano e Regional



3. Roteiro de leituras a partir da experiência do Grupo MetrÓpole, Estado e Capital: bibliografia comentada.

ARANTES, Pedro. O ajuste urbano: as políticas do Banco Mundial e do Bid para as cidades. Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU-USP, n. 20, p. 60-75, 2006.

O texto traz uma análise sobre a influência de organizações internacionais multilaterais – notadamente o Banco Mundial e o BID – na construção e/ou alteração de políticas públicas voltadas para as cidades. O fio condutor da análise é a ideia de que estaria em curso uma espécie de ajuste urbano, em escala mundial, com essas organizações atuando como difusoras/gestoras desse ajuste.

ARRIGHI, Giovanni. O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Editora Unesp, 1996.

Publicado, originalmente, em 1994 e ganhador do Prêmio Distinguished Scholarship da American Sociological Association, *O longo século XX* oferece uma perspectiva que busca compreender a atual crise da hegemonia estadunidense à luz da comparação com os processos de formação, expansão e crise das hegemônias anteriores que moldaram o capitalismo histórico como sistema mundial em sua longa duração. Para tanto, estabelece a teoria dos ciclos sistêmicos de acumulação, de inspiração braudeliana, que permite interpretar a atual fase de expansão financeira como um processo cíclico e recorrente.

BIENEFELD, Manfred. Suppressing the double movement to secure the dictatorship of finance. In: BUGRA, Ayse; AGARTAN, Kaan. *Reading Karl Polanyi for the Twenty-First Century: market economy as a political project*. New York: Palgrave Macmillan, 2007.

Escrito no âmbito de uma obra coletiva que retoma a teoria do duplo movimento de Karl Polanyi para refletir sobre a economia de mercado no século XXI, esse artigo orienta-se por um argumento que sugere a supressão ou o retardamento dos contramovimentos de proteção da sociedade diante do que seu autor denomina como o advento da ditadura das finanças. Ou seja, essa ditadura seria responsável pela intensificação dos movimentos de expansão dos mercados globais autorreguláveis, os quais não encontrariam, necessariamente, resistência nos princípios de proteção social que Polanyi vislumbrou em sua análise das transformações que acompanharam o advento da Revolução Industrial.



IPPUR
Instituto de Pesquisa
e Planejamento Urbano e Regional



BRAGA, José Carlos de Souza. Financeirização global – O padrão sistêmico de riqueza do capitalismo contemporâneo. In: TAVARES, Maria da Conceição; FIORI, José Luís. *Poder e dinheiro: uma economia política da globalização*. Petrópolis: Vozes, 1997.

Inserido na coletânea de artigos intitulada *Poder e dinheiro: uma economia política da globalização*, esse texto está organizado em torno da definição da financeirização como o atual padrão sistêmico de riqueza do capitalismo. Seu autor descreve e analisa, sucessivamente, a “financeirização originária” dos Estados Unidos, a ascensão da lógica financeira geral das corporações capitalistas e o advento do que denomina como a macroestrutura financeira. Macroestrutura onde se dão as operações monetário-financeiras e patrimoniais dos principais agentes financeiros contemporâneos.

BRAUDEL, Fernand. *A dinâmica do capitalismo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

Como estabelecido pelo próprio autor, esse pequeno volume reproduz os argumentos de três conferências proferidas, em 1977, na Universidade de Johns Hopkins nos Estados Unidos. Cada uma das quais correspondentes aos três volumes de sua obra *Civilização material, economia e capitalismo*, que seriam publicados posteriormente, em 1979. Grosso modo, esse livro pode ser lido como uma introdução ao pensamento de Fernand Braudel.

BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo, séculos XV-XVIII: I. As estruturas do cotidiano; II. Os jogos da troca; III. O tempo do mundo*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. 3v.

Obra mais importante do historiador francês Fernand Braudel, comparável somente, talvez, ao seu *O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II*. Aqui, encontram-se as principais contribuições analíticas e teóricas do autor, dentre as quais se destacam, no que tange aos possíveis aportes aos estudos acerca da financeirização contemporânea, sua referência às recorrentes fases de expansão financeira como o “sinal do outono” dos grandes desenvolvimentos da história de longa duração do capitalismo.

CHRISTOPHERS, Brett. Revisiting the urbanization of capital. *Annals of the Association of American Geographers*, v. 101, n. 6, p. 1.347-1.364, 2011.

Como o próprio título sugere, esse artigo é uma retomada das contribuições teóricas de Henri Lefebvre e David Harvey sobre a urbanização do capital. Refere-se, em primeiro lugar, ao modo como Harvey, inspirado nos argumentos de Lefebvre, propôs a ideia de que as recorrentes crises de sobreacumulação do capitalismo são, parcial e temporariamente, superadas por transferências de capital (*capital switches*, no original em inglês) do circuito primário (produtivo) para o circuito secundário (financeiro-imobiliário). Além disso, considerado o contexto do pós-crise de



IPPUR
Instituto de Pesquisa
e Planejamento Urbano e Regional



2007-9, seu autor busca encontrar padrões de transferência de capital entre esses circuitos nos Estados Unidos e, principalmente, no Reino Unido.

CHRISTOPHERS, Brett. The limits to financialization. *Dialogues in Human Geography*, v. 5, n. 2, p. 183-200, 2015.

Nesse artigo, propõe-se uma reflexão em torno do que seriam os principais limites da financeirização. Financeirização entendida tanto como conceito quanto como processo. Trata-se de uma revisão crítica do debate a respeito desse conceito, que assinala, sobretudo, a diminuição do poder explicativo do referido conceito, na medida em que ele se expande demais e tende a se transformar no que o autor designa como uma *buzzword*, um termo excessivamente em voga e utilizado sem maiores rigores. Cabe ressaltar, ainda, que, no volume de *Dialogues in Human Geography* em que esse artigo foi publicado, há um conjunto de contestações aos argumentos de Christophers, bem como uma tréplica do autor.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

Nessa obra, os autores realizam uma análise sobre os diversos aspectos que envolvem o neoliberalismo como ideologia dominante na atualidade. Retomam o histórico de seu surgimento, traçando e sublinhando as diferenças em relação ao liberalismo, bem como discutem o surgimento de um *ethos* e de uma governamentalidade neoliberal que seriam fundamentais para a compreensão das mudanças econômicas, políticas e sociais da atualidade.

FERNANDEZ, Rodrigo; AALBERS, Manuel. Financialization and housing: between globalization and varieties of capitalism. *Competition & Change*, v. 20, n. 2, p. 71-88, 2016.

O artigo trata do processo de financeirização do imobiliário como parte de um cenário macroeconômico de dominância financeira. O imobiliário é definido como um instrumento preferencial de absorção de capitais excedentes, embora nem sempre de maneira homogênea. No artigo são analisadas as trajetórias de quatro países no que se refere à financeirização do imobiliário, buscando relacionar as diferenças entre eles com variações do próprio capitalismo, que se apresenta de maneira distinta em diferentes contextos geográficos, políticos e econômicos.

FIORI, José Luis. A propósito de uma construção interrompida. *Economia e Sociedade*, v. 9, n.1, p. 1-19, 2000.

Nesse artigo, José Luiz Fiori dialoga com a hipótese de Celso Furtado de que o ressurgimento de uma agenda política liberal-internacionalizante na década de 1990 corresponderia a uma interrupção do processo, iniciado nos anos 1930, de construção de



IPPUR
Instituto de Pesquisa
e Planejamento Urbano e Regional



uma formação econômica nacional no Brasil capaz de autodirigir-se através de centros de decisão endógenos e autônomos. De acordo com Fiori, na verdade, o período desenvolvimentista deve ser entendido como um interregno que, ao chegar fim, recolocou o Brasil de volta nos trilhos de uma história que remonta às origens de sua inserção periférica no sistema interestatal. Para sustentar seu argumento, expande a tese do “duplo movimento” de Karl Polanyi de forma a destacar que os princípios do liberalismo econômico e da autoproteção social se manifestam de maneiras distintas no centro e na periferia do sistema. A periferia latino-americana caracterizou-se por não gerar reações protecionistas ou de expansionismo regional. Uma vez que sempre estiveram articuladas às ordens mundiais liberal-internacionalizantes e nunca precisaram desenvolver um projeto nacional e popular para defender a acumulação de suas riquezas, o projeto secular das elites econômicas brasileiras estaria mais associado à transnacionalização dos centros de decisão e das estruturas econômicas do país.

FOX GOTHAM, Kevin. Creating Liquidity out of Spatial Fixity: The Secondary Circuit of Capital and the Subprime Mortgage Crisis. *International Journal of Urban and Regional Research*, v. 33, n. 2, p. 355-371, 2009.

O artigo trata do papel do Estado na configuração e fluxo das atividades do mercado imobiliário por meio do controle da liquidez dos ativos. Nesse cenário, a análise tem como foco a dimensão legal/regulatória e seu papel na expansão dos títulos lastreados em hipotecas e no desenvolvimento de um mercado imobiliário financeirizado. Na visão do autor, haveria um esforço do Estado – expresso em sua atuação legal/regulatória para tornar os ativos imobiliários aptos a transitar em mercados globais de capital.

GARCÍA-LAMARCA, Melissa ;KAIKA, Maria. “Mortgaged lives”: the biopolitics of debt and housing financialisation. *Transactions of the Institute of British Geographers*, v. 41, n. 3, p. 313-327, 2016.

O artigo busca analisar o aspecto biopolítico do fenômeno da financeirização das hipotecas pelo mundo. A partir do estudo de caso da crise hipotecária espanhola, o artigo destaca o caráter ideológico e de capilaridade na vida cotidiana dos moradores das hipotecas, sem os quais não seria possível levar seu mercado ao nível que permitiu a eclosão da grande crise de 2008. No cenário dessa crise, o artigo descreve como o mercado hipotecário se tornou uma tecnologia punitiva para a classe trabalhadora, ressaltando os aspectos relacionados à sua imbricação na vida cotidiana.

GOMES, Helder (Org.). *Especulação e lucros fictícios*. São Paulo: Outras Expressões, 2015.



IPPUR
Instituto de Pesquisa
e Planejamento Urbano e Regional



Essa obra contém um conjunto de artigos escritos por Reinaldo A. Carcanholo, Paulo Nakatani, Maurício S. Sabadini, François Chesnais e seu próprio organizador. Artigos que lidam com a atual dominância da lógica de valorização do capital fictício, o que assume o aspecto da emergência do que os autores designam como o capital especulativo e o capital especulativo parasitário. Trata-se, em suma, do resgate e da atualização das categorias da economia política marxista – como capital portador de juros, sistema de crédito e capital fictício – para investigar os atributos fundamentais do capitalismo contemporâneo.

HAILA, Anna. Four types of investment in land and property. *International Journal of Urban and Regional Research*, v. 15, n. 3, p. 343-365, 1991.

A autora inicia o artigo apresentando o que seria uma dicotomia entre teorias sobre a propriedade fundiária. A autora defende que essa suposta dicotomia é falsa e não resiste ao crivo da análise empírica sobre a propriedade da terra. A autora apresenta quatro teorias de investimento em terra e propriedade, destacando que uma das características do investimento na terra é a variedade de usos, investidores e motivos de investimento, o que já afastaria teorias baseadas em apenas um foco de análise. A partir disso constrói uma tipologia de quatro formas de investimento em terra e propriedade. Essa tipologia se baseia em duas dimensões principais: o propósito e os horizontes temporais dos investimentos em relação a seus agentes. Apresentada sua tipologia, a autora faz uma relação desta com as teorias sobre a terra e a propriedade. Para ela, é possível, a partir das tipologias propostas, diferenciar etapas do desenvolvimento urbano que terão diferentes agentes, investimentos e lógicas dominantes. Na conclusão do artigo, a autora sugere a superação da suposta dicotomia representada pelas duas correntes (neoclássicos x institucionalistas/marxistas) a partir do recurso à empiria na análise do desenvolvimento urbano.

HARVEY, David. *Os limites do capital*. São Paulo: Boitempo, 2013.

Nessa obra fundamental, David Harvey estabelece as bases teóricas que vão orientar grande parte de suas pesquisas e trabalhos futuros. A teoria marxista da crise é reconstruída em torno de três diferentes recortes – considerados não como momentos separados e sequenciais, mas aspectos simultâneos dentro da unicidade orgânica do capitalismo: o primeiro recorte se refere às contradições internas da produção capitalista que resultam numa tendência à sobreacumulação de capital; o segundo recorte examina os “ajustes temporais”, ou seja, os aspectos financeiros e monetários de formação/ resolução das crises; o terceiro recorte incorpora os “ajustes espaciais”, as expansões e reestruturações geográficas que produzem configurações espaciais e desencadeiam desenvolvimentos geográficos desiguais como respostas às contradições internas do capitalismo. Ao integrar



IPPUR
Instituto de Pesquisa
e Planejamento Urbano e Regional



os aspectos espaço-temporais da acumulação dentro da estrutura geral do argumento de Marx, Harvey oferece uma importante contribuição para a construção de um “materialismo histórico-geográfico”.

HARVEY, David. *Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana*. São Paulo: Martins Fontes, 2014 (Capítulo 2).

No contexto dos debates subsequentes à crise no mercado financeiro-imobiliário nos Estados Unidos, esse capítulo busca retomar o argumento de Harvey de que o processo urbano no capitalismo está relacionado com as tendências cíclicas de sobreacumulação de capital na produção. Nesse sentido, apresenta a hipótese das transferências recorrentes de excedentes de capital do circuito primário (produção) para o circuito secundário (imobiliário) em ondas de investimento no meio ambiente construído que, por sua vez, deslocam as tendências de crise para as cidades. Por fim, apresenta uma análise da recente urbanização chinesa e seus efeitos sistêmicos na economia mundial.

HARVEY, David. *O enigma do capital: e as crises do capitalismo*. São Paulo: Boitempo, 2011 (Capítulo 6).

Esse capítulo, que integra um livro que retoma as análises da dinâmica de acumulação de capital e da formação das crises, trata especificamente da produção de uma geografia própria do capitalismo. Argumenta que a diversidade geográfica é uma condição necessária para a reprodução do capital e que ela é recriada constantemente através de processos inerentes à acumulação – como a competição e as crises, por exemplo. Assim, o desenvolvimento geográfico desigual capitalista (re)constrói um mundo complexo e dinâmico interligado por diferentes paisagens e atividades humanas.

HARVEY, David. *O novo imperialismo*. São Paulo: Loyola, 2005.

Escrito no contexto da invasão do Iraque pelos Estados Unidos, em 2003, *O novo imperialismo* superou essa conjuntura específica, tornando-se fundamental para a compreensão do capitalismo contemporâneo por ao menos três motivos. Primeiro, por resgatar, sintetizar e, ao mesmo tempo, ampliar a teoria dos ajustes espaço-temporais, acomodando-a ao debate sobre o imperialismo, algo que estava desenvolvido apenas de forma incipiente em *Os limites do capital*. Segundo, por oferecer uma leitura renovada do que Marx chamou de acumulação primitiva, sugerindo, por intermédio do conceito de acumulação por despossessão, sua permanência no decorrer da longa geografia histórica do capitalismo. Argumento que, diga-se de passagem, não é completamente novo e remonta, no mínimo, às elaborações de Rosa Luxemburgo e Hannah Arendt, as quais o autor reconhece e incorpora à sua própria formulação. Por último, cumpre destacar o modo como



IPPUR
Instituto de Pesquisa
e Planejamento Urbano e Regional



Harvey assimila a ideia arrighiana da interdependência entre as lógicas capitalista e territorialista do poder. O que está na origem da elaboração, em obras subsequentes, do conceito de nexos Estado-financeiras. Conceito a partir do qual o autor propõe a fusão entre as duas lógicas supramencionadas na forma de um conjunto de mecanismos e instituições de poder e de acumulação que estão no centro da coordenação do sistema de crédito, bem como da expansão e da estabilização do capitalismo.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 2008.

Nessa obra, que se tornou uma importante referência para o campo dos estudos urbanos, David Harvey descreve uma série de mudanças nas práticas culturais, políticas e econômicas ocorridas a partir dos anos 1970. Argumenta que essas mudanças estariam relacionadas a uma transformação mais geral nas formas de acumulação de capital – transformações superficiais, uma vez que não confrontam ou superam os fundamentos da acumulação capitalista. Ao invés disso, elas indicariam o ocaso do fordismo do pós-Guerra e a emergência de padrões mais flexíveis de acumulação associados a um novo ciclo de compressão do tempo-espaço na organização do capitalismo, com especial destaque para o florescimento e expansão dos mercados financeiros.

JESSOP, Bob. *Knowledge as a fictitious commodity: insights and limits of a polanyian perspective*. In: BUGRA, Ayse; AGARTAN, Kaan. *Reading Karl Polanyi for the Twenty-First Century: market economy as a political project*. New York: Palgrave Macmillan, 2007.

O texto trata da crescente visão do conhecimento como uma mercadoria no capitalismo. A partir de uma análise do tema com base na obra de Karl Polanyi, e, portanto, do paradigma das mercadorias fictícias, o texto aborda o caminho que levou o conhecimento à posição de fator de produção mais importante e chave da economia competitiva. O texto lança também um olhar sobre as resistências a esse processo.

LAGNA, Andrea. *Derivatives and the financialisation of the Italian State*. *New Political Economy*, v. 21, n. 2, p. 167-189, 2016.

Esse artigo parte do pressuposto de que a maioria das pesquisas em torno da financeirização tende a desconsiderar o modo como os governos manejam e utilizam instrumentos e inovações financeiras para atingir seus objetivos estratégicos. Nesse sentido, levando em conta a gestão da dívida pública italiana por intermédio do uso de derivativos, a partir dos anos 1990, toma como objeto principal a reestruturação das instituições e do poder do Estado em consonância com a crescente influência das finanças



IPPUR
Instituto de Pesquisa
e Planejamento Urbano e Regional



no mundo contemporâneo. Tudo isso correspondendo, nos termos do autor, ao processo de financeirização do próprio Estado.

LAPAVITSAS, Costas. Financialised capitalism: crisis and financial expropriation. *Historical materialism*, v. 17, n. 2, p. 114-148, 2009.

Partindo da retomada das teorias marxistas do imperialismo e do capital financeiro, sobretudo da formulação clássica de Hilferding, Lapavitsas define a financeirização como uma transformação sistêmica das economias capitalistas avançadas. Transformação descrita conforme os seguintes aspectos básicos: i) as grandes corporações não financeiras diminuíram sua dependência de empréstimos bancários, adquirindo capacidades financeiras relativamente autônomas; ii) os bancos expandiram suas atividades de mediação nos mercados financeiros, bem como seus empréstimos aos indivíduos e às famílias; e iii) as famílias tornaram-se crescentemente envolvidas no domínio das finanças, tanto como devedoras quanto como proprietárias de ativos. Ademais, o autor propõe o conceito de expropriação financeira, com o qual sublinha a conversão de rendas, ativos e passivos de indivíduos e famílias em fontes de lucros financeiros.

PAULANI, Leda. Acumulação sistêmica, poupança externa e rentismo: observações sobre o caso brasileiro. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 27, n. 77, p. 237-261, 2013.

O artigo discute o papel do Brasil em um cenário de dominância financeira internacional, defendendo a tese de seu funcionamento como uma plataforma de valorização financeira a partir de políticas de juros elevados e baixo investimento produtivo. O argumento da autora relaciona esse tipo de funcionalização da economia nacional com a manutenção do país em uma posição subordinada, com acentuação de sua dependência econômica.

PAULANI, Leda. Inserção da economia brasileira no cenário mundial: uma reflexão sobre a situação atual à luz da história. *Boletim de Economia e Política Internacional*, n. 10, p. 89-102, 2012.

O artigo pretende trazer uma retrospectiva histórica das diferentes fases atravessadas pela economia brasileira em sua relação com o capitalismo mundial. A partir de um panorama mais geral, a autora foca nos últimos 40 anos para analisar, de forma mais detida, a consolidação da posição brasileira como potência financeira emergente, a partir de um modelo de plataforma de valorização de capitais.

PECK, Jamie; THEODORE, Nik. Variegated capitalism. *Progress in Human Geography*, v. 31, n. 6, p. 731-772, 2007.

Na década de 1990, em meio ao discurso hegemônico do triunfo histórico do capitalismo, uma série de autores busca recolocar em pauta a heterogeneidade existente nos diferentes



UFRJ



IPPUR
Instituto de Pesquisa
e Planejamento Urbano e Regional



OBSERVATÓRIO
DAS METRÓPOLES

contextos nacionais. Os estudos sobre as “variedades de capitalismo” enfatizaram as diferentes formas de organização das instituições nacionais e a lógica de atuação de suas empresas. Entretanto, Peck e Theodore afirmam que esses trabalhos tenderam a uma “reificação” das fronteiras econômicas nacionais, deram um excesso de centralidade à lógica de operação empresarial, além de não terem considerado suficientemente as relações de interdependência entre os países. Frente a esses pontos críticos, os autores propõem que a abordagem de “variedades do capitalismo” pode contribuir ao incorporar as “grandes geografias” da reestruturação capitalista, o desenvolvimento desigual e os processos de globalização e financeirização, ampliando as análises a partir de outras dimensões escalares e de processos de longa duração.

TAYLOR, Peter J. World cities and territorial states under conditions of contemporary globalization. *Political Geography*, v. 19, n. 1, p. 5-32, 2000.

Nesse artigo o autor pretende rever a ideia segunda a qual as cidades substituem os Estados como centro espacial e institucional chave do mundo moderno, que fica no centro das teorias da globalização. A partir da concepção de capitalismo de Braudel, o autor defende que as cidades mundiais contemporâneas são uma forma específica do nexa antimerca regionalismo. As cidades mundiais são as principais concentrações de inúmeros poderes de monopólio. Mais precisamente a ideia é de analisar em que medida as empresas participam do processo de formação das cidades mundiais. Onde ficam e qual o critério que se deve utilizar para definir uma cidade mundial, levando a uma lista de 55 cidades que abrigam os serviços superiores. Na conclusão, o autor critica a concentração no Estado nos estudos sobre globalização e aponta necessidade de estudar a rede global de cidade como um todo.

TAYLOR, Peter J. et al. Explosive city growth in the modern world-system: an initial inventory derived from urban demographic changes. *Urban Geography*, v. 31, n. 7, p. 865-884, 2010.

Esse artigo tem com objetivo identificar as mudanças econômicas nas cidades a partir da análise da demografia urbana. A partir da base teórica de Wallerstein e Jacob, e sua visão sobre as cidades no desenvolvimento econômico, os autores procuram os casos de crescimento – explosivo – de cidade de 1500 até o período atual. O rápido crescimento da população sendo assim um indicador do crescimento econômico das cidades. Os resultados mostram que a frequência e a magnitude desses 184 surtos econômicos aumentam com a expansão geográfica e econômica do sistema-mundo moderno. A geografia dos surtos econômicos releva duas categorias de cidades: a primeira remete às cidades concentradas em regiões mundiais, revelando processos de formação de centros; a segunda corresponde



IPPUR
Instituto de Pesquisa
e Planejamento Urbano e Regional



às cidades isoladas, caracterizando centros nas regiões periféricas, definindo a semi-periferia. O autor conclui defendendo que as cidades são o motor do crescimento econômico. Assim, elas não são resultados da hegemonia, mas produtoras da hegemonia.

TOPALOV, Christian. *Capital et propriété foncière: introduction a l'étude des politiques foncières urbaines*. Paris: Centre de Sociologie Urbaine, 1973.

A obra busca definir o papel da propriedade do solo urbano nas transformações do modo de produção capitalista e nos processos de urbanização que são por ele gerados. O debate proposto passa pelos processos de reprodução do capital que têm por base as cidades, bem como por uma análise detida sobre a temática da renda da terra urbana.

WALLERSTEIN, Immanuel. *Impensar a ciência social: os limites dos paradigmas do século XIX*. São Paulo: Ideias e Letras, 2006 (Capítulos 1 e 10).

Como o próprio título da obra sugere, Wallerstein propõe o desafio de identificar e superar os limites dos paradigmas que influenciaram o desenvolvimento das ciências sociais desde o século XIX. De fato, nos termos do autor, esses paradigmas teriam se tornado verdadeiros obstáculos à compreensão da sociedade contemporânea. Nesse sentido, destacam-se, particularmente, os capítulos 1 e 10. O primeiro, por enfatizar o modo como a Revolução Francesa, entendida como um evento-mundo histórico, abriu caminho para a constituição de três conjuntos de instituições culturais indispensáveis à expansão da economia-mundo capitalista como sistema-mundo, quais sejam: i) as ideologias; ii) as ciências sociais; e iii) os movimentos antissistêmicos. O segundo, por retomar e ampliar as categorias do tempo social tal como concebidas por Fernand Braudel, problematizando a hipótese da existência de espaços correlatos aos tempos dos eventos, das conjunturas e das estruturas.

WANG, Yingyao. The rise of the “shareholding state”: financialization of economic management in China. *Socio-Economic Review*, v. 13, n. 3, p. 603-625, 2015.

O autor desse artigo apresenta uma leitura alternativa da financeirização tendo em vista o caso repleto de singularidades que é o da economia chinesa. Grosso modo, em sua opinião, não só os estudos sobre a dominância financeira contemporânea deveriam considerar o que se pode chamar de financeirização do Estado, como deveriam levar em conta casos em que esse mesmo Estado conduz o processo de financeirização segundo seus próprios objetivos e sem comprometer, necessariamente, sua soberania.